

A SUBALTERNIDADE FEMININA, TRANSGRESSÃO E ABANDONO DE IRENE NO ROMANCE *CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA* DE DALCÍDIO JURANDIR

Priscila Garcia Balieiro¹
José Rosa dos Santos Júnior²

RESUMO

O presente trabalho propõe análises sobre questões de gênero, trazendo para as discussões a subalternidade feminina, a partir da personagem Irene na obra *Chove nos Campos de Cachoeira* (1991) de Dalcídio Jurandir. As análises da personagem mostram como a mulher amazônica foi colocada em segundo plano na sociedade, de forma subalterna aos desejos e caprichos do homem patriarcal. O romance marajoara não coloca Irene como protagonista, mas por essa personagem permear os desejos de posse e sexuais do protagonista Eutanázio, ela tem uma participação contundente na narrativa. É a partir das análises da realidade da personagem que enfatizamos nossas críticas à subalternidade feminina no contexto amazônico e à condição da mulher em um sistema opressor que a coloca como submissa e silencia a presença de suas vozes violentamente. Para nossas discussões teóricas nos fundamentamos em Maria Luzia Alvares (2009), Gayatri Spivak (2014), Gerda Lerner (2019), Oyèrónké Oyèwùmí (2021), dentre outros.

Palavras-Chave: Literatura das Amazônias. Gênero. Subalternidade feminina.

FEMALE SUBALTERNITY, TRANSGRESSION AND ABANDONMENT OF IRENE IN THE ROMANCE *CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA* BY DALCÍDIO JURANDIR

ABSTRACT

This work proposes analyzes of gender issues, bringing female subalternity into discussions, based on the character Irene in the work *Chove nos Campos de Cachoeira* (1991) by Dalcídio Jurandir. Analysis of the character shows how the Amazonian woman was placed in the background in society, subordinate to the desires and whims of the patriarchal man. The Marajoara novel does not place Irene as the protagonist, but because this character permeates the possession and sexual desires of the protagonist Eutanázio, she has a strong participation in the narrative. It is from analyzes of the character's reality that we emphasize our criticisms of female subalternity in the Amazonian context and the condition of women in an oppressive system that places them as submissive and silences the presence of their voices in a violent way. For our theoretical discussions we are based on Maria Luzia Alvares (2009), Gayatri Spivak (2014), Gerda Lerner (2019), Oyèrónké Oyèwùmí (2021), among others.

Keywords: Literature of the Amazons. Gender. Female subalternity.

Data de aprovação: 29.12.2023

¹ Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA); Especialista em Linguagem e Educação: uma abordagem textual, discursiva e variacionista pela UFPA/Cametá (2012); Especialista em Políticas públicas para a juventude - PROJovem Urbano pela Universidade do Estado do Pará - UEPA (2012) e Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (2009). E-mail: priscilagbalieiro@yahoo.com.br

² Doutor em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA, Campus Marabá Industrial. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Letras (POSLET) do Instituto de Linguística, Letras e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). E-mail: juliteratta@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Pará, no período em que Dalcídio Jurandir escreveu *Chove nos Campos de Cachoeira*, conforme a professora e pesquisadora paraense Maria Luzia Alvares (2009), em seu artigo *Educação e (in)submissão feminina no Pará*, apresentava uma relação de gênero bem demarcada em seus papéis sociais. Alvares afirma que no início do século XX, em nosso estado, havia desigualdades extremas entre os gêneros masculino e feminino, pois os homens se julgavam superiores às mulheres e isso era refletido no silêncio das vozes femininas. No entanto, elas foram aos poucos quebrando paradigmas e se mostrando insubmissas ao sistema patriarcal.

Desse modo, as mulheres naquele período romperam com o padrão estabelecido, tanto socialmente quanto culturalmente, embora sem haver uma consciência crítica em relação ao modelo de submissão. Haja vista que, segundo Alvares (2009), a dicotomia masculino-feminino era tida como natural e as submissões da mulher, como algo inerente à sociedade. A autora afirma que:

Nas décadas de 1910 e 1920, os textos femininos publicados na imprensa, surgem com entonações enfáticas e o tema recorrente da “missão materna” é percebido como “dever” da mulher reprodutora, ora como “missão divina” / obrigação / sujeição biológica. A preocupação com a educação da mulher tem, na observância a essa “missão/submissão”, o reforço principal, visto que, além de mãe, ela deverá exercer outras funções no lar, como esposa/companheira do homem e como educadora dos filhos, para quem deve constituir-se em “modelo”, principalmente para as filhas – “esposas e mães de amanhã” (ALVARES, 2009, p. 213).

Havia um modelo feminino, que era apresentado como sendo “o padrão de comportamento feminino” a ser seguido. Era uma “educação” direcionada ao gênero feminino contendo as normas do “bem viver” das mulheres, seguindo um modelo uniforme como se todas as destinatárias fossem iguais. O primeiro artigo analisado em sua pesquisa foi do autor Vilhena Alves (1887), publicado em um periódico que circulava em Vigia-Pará e, após dez anos (1893) foi publicado em um jornal da capital intitulado “A mulher”. Nele consta a missão da mulher sendo mãe de família, a importância da mulher em manter-se virgem para o casamento. Culto e veneração à “mãe de família”, à “dona do lar” e à “esposa idolatrada”, obtenção de conhecimento para agir em sua casa com a finalidade de “multiplicar o alimento”.

A personagem Irene de *Chove nos Campos de Cachoeira* rompe com muitos estigmas, não vê o matrimônio eurocêntrico/patriarcal como um ideal de vida, como as mulheres de sua família. Mesmo que sua mãe e avó aprovelem o relacionamento da jovem, ela não quer para si um homem como Eutanázio.

Assim, a personagem Irene muito nos oferece como discussões acerca da temática abordada, vistas a seguir. E para tanto, nos referenciamos nos pressupostos teóricos de Maria Luzia Alvares (2009), Gayatri Spivak (2014), Gerda Lerner (2019), Oyèrónké Oyèwùmí (2021), dentre outros.

1 A SUBALTERNIDADE, TRANSGRESSÃO E ABANDONO DE IRENE

Uma personagem jovem, com aproximadamente quatorze anos, não estuda, supõe-se que seja pela educação precária da época, filha de D. Tomázia. Segundo Santos (2010), uma típica adolescente pelo modo que pensa, age e se comporta perante as pessoas, suas risadas e malcriação revelam seu jeito de menina mulher, descritas pela voz do narrador, com muita naturalidade.

Irene é intitulada no segundo capítulo do romance como “Irene, Angústia e Solidão”. Seu rosto é descrito sempre suado, por estar em contato com a natureza e andando pelos

pomares e campos, uma espinha no canto do nariz, os cabelos mal arrumados, os seios visíveis em sua roupa, descalça, os dentes perfeitos. A imagem dela, descrita tanto pelo narrador como por Eutanázio, mostra Irene uma jovem mulher de personalidade forte e que não poupava ninguém de seus insultos e todos tinham reclamações dela. Na cena que segue, há vários xingamentos para seu admirador Eutanázio e seu avô, o que revelam, em parte, os traços temperamentais da jovem:

— Irene! Irene! Essa atrevida! Seu Cristóvão veio da rede para tomar um pouco d'água, pois há uma hora que pedia sem ser atendido. Irene gritava na cozinha. No fundo queria os presentes. Seu Cristóvão quis atirar uma acha de lenha nas pernas de Irene, mas não pôde se abaixar para apanhar a acha. Bateu inutilmente os pés e Irene correu para o banheiro rogando pragas a Eutanázio e chamando velho gosmento pro avô. — Por que esse diabo velho não morre? Por que esse gosmento velho não estica logo a perna? Fechou-se no banheiro. Na varanda, uma discussão tomou pé por causa da má-criação de Irene, da tolerância de D. Tomázia, da falta de humanidade das moças para com seu Cristóvão que não podia ter sossego na sua rede na sala (JURANDIR, 1991, p. 13).

Seu eterno admirador Eutanázio, escritor de cartas, é um homem de 40 anos, com uma doença incurável, solitário e melancólico, sem expectativa de vida. O amor que sentia por Irene era o que o mantinha vivo. Quando ela recebia os presentes dele, achava tudo sem valor e sua mãe desaprovava sua atitude “[...] ela num safanão jogou com os troços no soalho e largou uma porção de axi! axi! cuche, com isso tudo, era! D. Tomázia correu pra cima da filha com a chinela. Irene deu um berro. [...]” (JURANDIR, 1991, p. 13). Mas usava os presentes que ganhava dele. “[...] Irene mesmo não podia fazer uma hostilidade contínua porque era tolhido pelo desejo de umas chinelas, duns sapatos, um corte, que sua mãe arranjaría por intermédio de Eutanázio [...]” (JURANDIR, 1991, p. 17).

De acordo com Santos (2010), na visão de Eutanázio Irene é vida, é jovem, é feliz, é inocente dos males do mundo. Ele se encantou pela naturalidade e inocência dela, justamente o seu oposto. Ela tem a vida inteira para viver e ele, em estado terminal. Nutria um sentimento confuso por ela, uma mistura de amor e ódio por não ser correspondido e não se achar digno de sua amada. Não tinha nada a oferecer, somente a morte, e ela zombava desse sentimento toda vez que ele ia à sua casa para vê-la e admirar sua beleza. Por essa relação construída em meio ao amor e ao deboche, a jovem menina se torna o bem e o mal em sua vida:

Vai para a casa de seu Cristóvão puxado pelo riso de Irene. Aquele riso é um tentáculo. Como uma corrente que o enrolasse pelo pescoço e fosse arrastando ele para o suplício daquela varanda de seu Cristóvão olhando as moças discutirem jogo, modas, vida alheia, disputarem restos de pão, brigarem por duzentos réis desaparecidos de cima do oratório. Irene morava lá e a melhor maneira de se livrar da lembrança de Irene é estar na casa dela, debaixo daquele riso fustigante (JURANDIR, 1991, p. 11).

O desejo de Eutanázio por Irene mostra uma prática comum não apenas nos interiores do Pará como mundo afora: um homem mais velho casar-se com uma jovem mulher. Essa prática enraizada no Ocidente do mundo firmará o homem numa posição ainda mais forte de dominador, de viril e principalmente como forma de subjugação da mulher, a fim de hierarquizar corpos e mentes. Oyèrónké Oyèwùmí (2021) ao fazer análises históricas de seu povo, a sociedade iorubá, mostra que hierarquizar corpos em sua comunidade foi estratégia da hegemonia do Ocidente. De acordo com a autora:

Indiscutivelmente, o gênero tem sido um princípio organizador fundamental nas sociedades ocidentais. Intrínseca à conceituação de gênero está uma dicotomia na qual macho e fêmea, homem e mulher, são constantemente classificados em relação de uns contra os outros. Está bem documentado que as categorias de macho e fêmea na

prática social ocidental não estão livres de associações hierárquicas e oposições binárias nas quais macho implica privilégio e fêmea subordinação (OYĒWUMÍ, 2021, p. 69).

As oposições binárias incutidas, primeiramente, no Ocidente e difundidas mundo afora, principalmente em comunidades das Américas e da África, fizeram com que a marginalização da mulher, do feminino fosse visto por todos, por muito tempo e ainda persiste, como algo normal e natural. E como afirma Oyĕwùmí, assim como em seu povo, essas hierarquizações que subordinam a mulher são oriundas dos conceitos ocidentais de gênero, os colocando como atemporais e universais. Dessa forma, nos lugares mais distantes dos centros hegemônicos, essa prática de subjugação dos corpos femininos continua fortalecida e muitas de nós fomos/são sucumbidas nesse sistema segregador.

Irene sabe que seu corpo é visto por Eutanázio a partir do viés hegemônico que subjuga os corpos femininos, percebe que ele a julga como mercadoria, como se estivesse à venda. E mesmo que essa visão venha disfarçada de um sentimento de amor que ele julga nutrir por ela, a jovem Irene percebe as verdadeiras intenções de Eutanázio, a necessidade de tê-la como se fosse um troféu para preencher seu vazio de homem fracassado e não aceita ser objeto de troca.

Irene não aceitava que seu corpo fosse objeto de prazer de Eutanázio. Ela lhe retribuía com desdém, desprezo e um sorriso que deixava Eutanázio com sentimentos contraditórios, ora queria-a em seus braços, ora desejava matá-la. “[...] Mas Irene ri como se o triturasse. Irene volta a rir. As mãos ficam frias. Coragem um dia de matar Irene? Não será talvez uma liberação [...]” (JURANDIR, 1991, p. 10). O sorriso de Irene produzia uma confusão nos seus sentimentos, pois, ao mesmo tempo em que incomodava e lhe causava raiva, também produzia desejo, admiração.

De certa forma, causava-lhe vergonha pela sua condição, um homem mais velho, não tinha dentes, cheio de marcas de feridas, os braços cheios de titingas, o sorriso morno, trêmulo e com uma doença incurável, psicologicamente: contemplativo e silencioso. Não havia nada em Eutanázio que chamasse a atenção de Irene e autêntica como era, não omitia seus sentimentos. Assim, ele sentia-se nu perante os deboches de Irene e isso lhe causava sofrimento e nojo de si. Eutanázio também era masoquista, sentia prazer em sofrer. Todos os sentimentos ruins que Irene sentia por ele causavam-lhe um contentamento em sofrer.

Percebendo o sentimento daquele homem, D. Dejanira, avó da jovem, aproveitava a situação para o explorar financeiramente. E em nome desse amor, Eutanázio dava-lhe constantemente dinheiro para ajudar nas despesas domésticas, além de comprar presentes para Irene. “[...] D. Dejanira havia ficado com os trinta mil-réis! Nem o arroz doce de Mariana, nem o remédio para a asma do seu Cristóvão” (JURANDIR, 1991, p. 120). A mãe, assim como a avó de Irene servia de antídoto para manter a ilusão e o encanto de Eutanázio, tentava fazer com que o “homem de quarenta” não percebesse o desprezo que sua filha nutria em relação a ele:

D. Tomázia queria ocultar aquela antipatia que Irene tinha por Eutanázio. Queria de qualquer forma sustentar Eutanázio em sua casa não para casar com a filha, mas para acudir sempre as necessidades da filha, da família, era lógico. — Seu Eutanázio, me desculpe essa menina. Veio D. Dejanira e D. Tomázia com a vassoura, explicava: — Esse Resendinho e depois... Compadre vai desculpando. Falta de criação não foi da minha pane, mas pau que nasce torto... Espere aí, compadre, vou fazer um café para nós... — Não senhora... Eutanázio adivinhou logo o que queria dizer a prodigalidade dum café às dez horas da manhã [...] (JURANDIR, 1991, p. 120).

Mas para a mãe e a avó de Irene, oferecer a menina/mulher como objeto de troca era normal, poderia tirá-las um pouco do sufoco, caso Eutanázio continuasse a frequentar a casa delas. Elas sempre tentam apaziguar o desdém da menina e encobrir a possível paixão dela por

Resendinho. O sorriso de Irene faz Eutanázio olhar para si e suas intenções e que esse sentimento não é o que ela merece nem o que ela deseja:

Irene, se soubesse, daria a sua gargalhada. Quando ela ria, a boca, um pouco grande, não se abria, mas arreganhava, era o termo de Eutanázio, e apesar de ser uma criatura moça e bonita era uma máscara odiosa. Um riso que o cortava todo, caía nos nervos como vidro moído. À noite, muitas vezes, quando os seus nervos se arrepiam e sentem-se só, sem amigos, sem pensamentos, sem saudade, os risos de Irene voltam tenebrosos. Os risos o cortam como chicotadas. E se Irene soubesse que ele agora está com “aquilo”, então a antipatia dela aumentava, o nojo maior. Ela exclamaria o seu habitual Axi! E cuspiria para o lado. Só vivia cusbindo. Seus olhos ocultavam sombras ruins, perversidades latentes. Os seios tinham um certo impudor, agrediam. (JURANDIR, 1991, p. 09).

Irene transgride uma norma pré-estabelecida, mesmo jovem, não aceita a possibilidade de um relacionamento com Eutanázio e o despreza com veemência. Ao ter a possibilidade do matrimônio tão desejado pelas suas irmãs, tias, mãe e avó, Irene rejeita o padrão de vida patriarcal para a mulher e, em momento algum, ela demonstra interesse em casar com alguém. Ela foge à regra das mulheres tanto de sua casa como da sociedade cachoeirense, não tem pretensões do matrimônio, ao contrário de sua tia Bitá.

A condição subalterna de Irene a faz aceitar os presentes de Eutanázio, mesmo não gostando dele, ela aceita e usa os presentes baratos que ele lhe oferecia e, ao mesmo tempo, em sua frente debocha e o critica pela sua condição de homem doente e por intencionar um relacionamento amoroso. E ele, mesmo sabendo do envolvimento dela com outro homem, continuava a fazer as visitas à jovem em sua casa, e somente após a doença ter se agravado é que deixou de frequentar aquele ambiente familiar que tanto lhe causava prazer e sofrimento.

Nota-se que o narrador faz rodeios em volta desta personagem, como todas as mulheres do romance são apresentadas através da fala masculina, almejando um relacionamento conjugal para ter amparo familiar e social. Com Irene, não vemos essa incessante busca e não demonstra nenhum tipo de afeição para com seu admirador. Quando Irene se dirige a Eutanázio por espalhar fofoca sobre seu namoro com Resendinho, ela expõe seus sentimentos e suas intenções em relação a ele:

Irene encontrou Eutanázio logo ao pé da escada: — Olhe seu Eutanázio. Saiba o senhor que eu não sou moça para estar na boca de quem quer que seja. Sei que o senhor se gaba aí de mim, mas andar dizendo que... Dizendo mal de mim com Resendinho, isto é de se tomar uma providência. Se tiver vergonha, faça favor, não fale mais comigo! Triste uma pessoa gabola e falando dos outros! Pois já vou comunicar a mamãe que o senhor anda dizendo que Resendinho... Isto passa de abuso e digo mesmo, axi! Que eu namore consigo. Se enxergue! E se dizendo amigo de mamãe, falando de mim com o Resendinho. Quando Resendinho chegar ele será sabedor, será. Deixe de ser gabola, tire isso de sua cabeça de que eu vou lhe namorar. Só se o mundo se acabasse. — Irene dá uma risada e ao mesmo tempo franze a cara com os olhos maus sobre Eutanázio. Irene voltou-se e correu para debaixo da casa e Eutanázio nada fez senão sorrir para D. Tomázia. O dia nascera fatal (JURANDIR, 1991, p. 120).

O amor e a admiração que Eutanázio nutria por Irene era tão grande e intenso que ele só morreu após a visita da jovem, grávida de quatro meses, e nesse momento o sentimento de Eutanázio deixou de ser contraditório. Santos (2010) discorre sobre o momento da morte de Eutanázio e a imagem da Irene quando é comparada à Virgem Maria pela gravidez e a serenidade visível em seu rosto, sem maldades. Não havia mais aquele sorriso e foi nesse momento que percebeu a quem direcionava seus sentimentos e desejos, a antiga Irene, a má, a malcriada, a insensível, e percebe que aquele sorriso havia se eternizado em suas lembranças:

Irene estava bela com a sua gravidez de terra inundada, O silêncio dela era uma voz que [o] percorria tudo com doçura e desespero. Seus olhos cobriam-no de maternidade, de vida em germinação, de beleza. Ele queria beijar, se ajoelhar diante daquele ventre poderoso e amado da Criação. Deixou talvez de sentir qualquer revolta ou ódio. Mas ficou maior a consciência de sua miséria e de sua culpa. Viu que levava de Irene o riso mau, aqueles modos, o olhar, tudo que constituía a “outra” Irene, a sua Irene, a inimiga. Não, não era a mesma. Não era a mesma que o levava para as caminhadas noturnas, para Felícia, para aquele fundo de rede na saleta, para aquela insondável necessidade de degradação. Irene era outra. Seria capaz de amar essa desconhecida? De cair pelos caminhos, de furtar trinta mil-réis de Felícia, de morrer afinal, por uma Irene assim sem o riso, o olhar, a maldade da outra? E Irene continuou sobre ele, com o seu hálito, o seu cheiro de maternidade, tranqüila e doce no seu silêncio. Eutanázio virou a cabeça para a parede. Os olhos se fecharam como se em si mesmos procurassem a Irene perdida. D. Tomázia que, nesse último instante, espiava da porta, pensa logo que ele, agora sim, poderá morrer consolado (JURANDIR, 1991, p. 160).

A gravidez de Irene retrata uma realidade de muitas adolescentes que engravidam e são colocadas na situação de ter que cuidar sozinha de uma criança sem, na maioria das vezes, a ajuda financeira e afetiva dos pais. No caso de Irene, isso se agrava pelo fato de pertencer a uma família extensa que vivia com dificuldades financeiras e constantes brigas. A jovem, pela sua ingenuidade, nem se preocupa com o futuro que o meio irá lhe impor, uma sociedade que a colocará à margem independentemente de ter ou não a maternidade sem a experiência do casamento:

— Grávida, é! A senhora está grávida! — Levantou-se. Raquel e Henriqueta encararam-no, sem entender. Ainda pôde ver os olhos de Bitá, as mãos de D. Tomázia suspensas na sombra, Irene com os olhos crescidos sobre ele (bela, nunca esteve tão bela) e a luz a um sopro maior do vento, apagou-se subitamente. — Grávida! — Era como um arranco, um soluço, uma tosse estranha que saía dele naquela sombra enquanto, confusas, as moças procuravam, a um só tempo, acender o candeeiro (JURANDIR, 1991, p. 139).

Irene é, portanto, uma personagem adolescente que protagoniza um capítulo da obra, intitulado com o seu nome e sua mais forte característica, “*Irene e o riso de Irene*”. Torna-se difícil ler o romance e esquecer-se desta jovem-mulher-adolescente, cuja construção e descrição nos possibilitam criar e olhar os gestos, e muitos sorrisos desta criação literária dalcidiana que mesmo construídas sob olhar masculino, re/desvela um mundo de dor e sofrimento, uma sociedade etnocêntrica e patriarcal no contexto das Amazônias.

A personagem nos convida a pensar sobre a realidade de muitas adolescentes que se tornaram mães, em uma fase de suas vidas, que estavam precisando de proteção e cuidado para somente então amadurecerem e tornarem-se mulheres preparadas para realizarem suas escolhas em relação à profissão, família. Mas veem-se em um lugar onde necessitam ter uma postura que vai além de suas experiências adquiridas e terão de contar com o apoio familiar, se assim houver.

Vale ressaltar, que na obra, Resendinho foge de Cachoeira deixando Irene sem apoio e mesmo assim ela não fica sofrendo pela falta dele e faz questão de exibir sua barriga de mulher grávida. Ela tenta transgredir a norma do patriarcado, mas fica evidente que ela sofrerá por isso, julgada pela família e pela sociedade, será uma vida difícil para ela e para o filho. Logo, essa criança terá apenas o amparo de seus familiares maternos e com a família sendo numerosa e com poucos recursos financeiros terá que se adaptar a essa situação que poderá resultar em maiores conflitos e com isso frustrações para Irene e para a criança que poderá viver em um círculo vicioso de abandono e miséria.

Verificamos que um dos principais motivos que levam as personagens do romance a sofrer as mazelas mencionadas, em toda essa sessão, parte de sua condição de mulher em um sistema opressor. Notamos que elas estão condicionadas numa constante de dor e sofrimento, que coloca a figura masculina com vantagens, advindas do patriarcado. Sistema este que constrói identidades fixas para o ser humano com base na fisionomia e na biologia dos corpos na tentativa de subjugar, menosprezar, subalternizar pessoas e assim sustentar a base colonialista/capitalista/eurocêntrica/patriarcal.

2 FIGURAÇÕES DA PERSONAGEM IRENE NO ROMANCE *CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA*

A jovem personagem Irene não sonha com casamentos e, ao contrário desdenha de Eutanázio que tem pretensões matrimoniais com ela. Porém, a mãe da menina, D. Tomázia, quer e ver melhores condições de vida financeira no possível contrato social patriarcal da filha com o homem. A autora Gerda Lerner (2019), em *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*, aponta que:

Mulheres, mesmo as mais seguras, bem-nascidas e autoconfiantes, viam-se como pessoas dependentes da proteção do homem. Este é o mundo feminino do contrato social: mulheres cuja autonomia lhes é negada dependem de proteção e se empenham para conseguir o melhor acordo possível para elas mesmas e para seus filhos (LERNER, 2019, p. 109)

Nas palavras de Lerner (2019), às mulheres cabe a busca do melhor acordo possível para seus filhos também. A mãe, sabendo da condição social do pai de Eutanázio e que ele tentava comprar os sentimentos da jovem, percebe aí uma melhoria de vida para si e para a filha.

Em Irene temos a figura da mulher que não deseja para si o casamento patriarcal, ela vê suas irmãs e tias nessa busca incessante, mas não demonstra que esse é o seu ideal de vida. E mesmo tendo esse posicionamento, ela não está imune às opressões do patriarcado. Engravidada de Resendinho e ele a abandona, Irene não fica chorando pela falta de seu namorado, mas é julgada pela família e pela sociedade de Cachoeira.

Observemos que Dalcídio Jurandir ao pautar a vida sofrida da população pobre da Amazônia paraense, trouxe várias temáticas da mulher nesses contextos. Em *Chove nos Campos de Cachoeira*, como todo o Ciclo do Extremo Norte, a presença feminina é constante e decisiva para o desenrolar da narrativa. As denúncias sociais são fortemente abordadas no romance, revelando nos contextos amazônicos a opressão capitalista/hegemônica/patriarcal ao demonstrar as condições de vida precárias em que se encontravam os habitantes da região, principalmente as mulheres relegadas a profundas condições de subalternidades.

As representações femininas de *Chove nos Campos de Cachoeira* nos dão uma dimensão não somente da alteridade feminina como de toda complexa construção acerca da identidade na Amazônia. Não uma identidade fixa e criada pela hegemonia, mas uma identidade em permanente construção que abre espaço para o novo, que vê na diferença nossa completude. Antônio Sidekum ao tratar das diversas formas de reconhecermos a alteridade, diz que:

Se o reconhecimento da alteridade absoluta do outro homem dependesse, em sua raiz, do temor de perder o ganho materialista ou, em termos de economia, em conservar interessadamente nosso ser, a História, certamente, jamais teria sofrido fracassos. No entanto a experiência histórica em relação a alteridade é outra (SIDEKUM, 2003, p. 291).

Processos hegemônicos tendem a negar a diferença, o diverso, o plural para dar abertura apenas a modelos prontos, criados para estigmatizar, excluir e perpetuar o pensamento e a

permanência da elite. Na busca pelo reconhecimento da alteridade, vemos que somos constantemente atravessados por diversos processos históricos, culturais, político-sociais, sendo assim, a identidade não pode ser engessada.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Chove nos Campos de Cachoeira* descortina as mazelas sociais vivenciadas pelas mulheres no interior da Amazônia. Com uma temática atual, o romance nos mostra a subalternização da mulher em um sistema colonial/patriarcal opressor. Irene, uma menina/mulher marajoara, amazônida, latino-americana, tenta romper os estigmas pré-estabelecidos para ela, não aceita o matrimônio, não se curva aos caprichos de um homem mais velho que ela. No entanto, por estar dentro de um sistema opressor, não consegue rompê-lo por completo, será julgada pela sociedade que a colocará como culpada por todas as mazelas enfrentadas advindas de sua subalternização feminina.

As raízes do colonialismo são tão profundas na sociedade que fica difícil mensurar a abrangência de suas mazelas nas pessoas postas à margem. Por meio de um processo enviesado, se classificam pessoas, grupos, regiões, tudo o que nos cerca tem classificação e valor, do ponto de vista do hegemônico. Este, configurando um padrão de beleza e poder, instaura a figura do dominador com as características: europeu, homem, branco, pertencente à elite capitalista. A partir desse modelo, os que não se enquadram nele são postos como inferiores.

Ao tratarmos do feminismo decolonial na literatura produzida na Amazônia, percebemos o quanto estamos distantes desse modelo eurocêntrico, pensado justamente para nos excluir. A mulher amazônida, então, está, como analisa Gayatri Spivak (2014), abaixo de várias camadas de subalternidades: mulher, distante dos centros hegemônicos, num processo excludente que se fixa como histórico.

Assim, vemos que é necessário romper a visão dicotômica de um modelo de classificação binária, em que se estabelecem padrões aceitáveis para a sociedade, baseados numa colonialidade de gênero, subjugando classes para manter a hegemonia do colonizador/moderno. Segundo Lerner (2019),

O pensamento patriarcal é construído de tal modo em nossos processos mentais, que não podemos excluí-los se não tomarmos consciência dele, o que significa um grande esforço. Assim, quando pensamos sobre o passado pré-histórico das mulheres, estamos tão presos ao sistema explicativo androcêntrico, que o único modelo alternativo que vem de imediato à cabeça é o oposto. Se não era patriarcado, então só pode ter sido matriarcado. É certo que havia diversas maneiras de homens e mulheres organizarem a sociedade e compartilharem poder e recursos (LERNER, 2019, p. 65).

Portanto, questionar esses padrões pensados unicamente para excluir é de fundamental relevância para construirmos uma sociedade verdadeiramente plural, que inclui todos e vê na diferença nossa maior força. Da mesma forma que as questões de gênero, a raça e a classe são constitutivas do capitalismo/hegemônico/patriarcal e, atualmente com a ascensão violenta da face mais cruel do neoliberalismo, torna-se ainda mais urgente pautarmos o feminismo.

A situação de Irene, no romance, chama a atenção, pois a realidade dela é realidade de muitas nos interiores da Amazônia, como a gravidez na adolescência, o casamento com homens mais velhos e a questão das péssimas condições sociais são denunciadas através dessa personagem. Ela experimenta o abandono por parte do pai de seu filho, realidade que, ainda hoje, é recorrente, ocasionando sérios problemas sociais. Também observamos, no romance e nas reflexões teóricas, que a sexualidade da mulher é tida, ainda hoje, como elemento de subjugação.

Irene transgride a norma do patriarcado, não quer se sentir presa, dependente do masculino, ela rejeita todas as investidas de Eutanázio, com veemência. Ao ser abandonada

pelo pai de seu filho, não fica lamentando a perda de um possível casamento por engravidar e exhibe sua barriga para todos de Cachoeira. Mas Irene, possivelmente, irá sofrer as consequências de um sistema opressor.

REFERENCIAL TEÓRICO

ALVARES, Maria Luzia Miranda. **Histórias, saberes, práticas:** os estudos sobre mulheres entre as paraenses. Rev. NUFEN, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 105-133, jun. 2010.

ALVARES, Maria Luzia Miranda. Educação e (in)submissão Feminina no Pará. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Universalismo e Localismo:** movimentos sociais e crise dos padrões tradicionais de relação política na Amazônia. ICSA/UFPA/ Museu Paraense Emílio Goeldi: Belém, 2009.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado:** história da opressão das mulheres pelos homens. Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres:** construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SANTOS, Isabel Medianeira Rodrigues dos. **Chove nos Campos de Cachoeiras: O Primeiro Romance Moderno da Amazônia.** (TCC); [SI]: UFRGS, 2010. Disponível em www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29095/000775555. Acesso em 21 abr. 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SIDEKUM, Antônio (Org.). **Alteridade e multiculturalismo.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.